REVISTA UNIVERSAL.

N.° 2.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 13 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE 11 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes esua força.	ESTADO DA ATMOSFERA.
	Minim.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	42°	53°	761,4	760,2		N. NE	Nevoeiro denso, e hum. de manh. — Claro e nuv. de tarde: muito frio e humido.
2	41	53	60,0	59,0		N. NE	Idem. Cl.° de tarde — Humido e frio.
3	41	55	61,5	61,0	1	B. V.	Coberto, chuvoso, e algum claro — Horisonte vaporoso e frio.
4	48	56	61,3	60,7	¼	N. NO	Idem e chuvisco, até ás 10 h. m. — Cl.° e nuvens.
5	48	54	60,0	60,0	1	NO	Idem até ás 9 h. m. — Cl.° e algumas nuvens e frio.
6	44	53	55,6	55,0	2½	²O. ³NO	Chuva de aguaceiros muito frios, e clarões.
7	35	48	61,0	60,0		NE¹	Claro — Frio intenso e ar secco.
8	29	43	57,4	56,1		B. NE	Idem. Gelou durante a noute — Frio mui vivo.
9	26	43	59,5	59,0		B. NE	Idem idem da grossura de 1 pollegada — Frio vivissimo.
10	34	49	62,5	62,1		B. NE	Coberto, e claro.
11	30	45	63,5	61,7		B. NE	Gelo, geada densa e frio mui vivo — Cob.° de nuvens altas e transparentes. Sol muito fraco.

Em geral tem decorrido o mez frio e pouco chuvoso, sendo assáz extraordinario os intensos frios de 8, e principalmente o de 9, que fez descer o thermometro quasi 3 gráos de Reaumur abaixo do ponto da congelação, o que raras vezes acontece em Lisboa.

Advirta-se que nas duas columnas das observações barometricas se omitte o algarismo 7 que representa as centenas de millimetros, pois que sendo constante, basta ser indicado nas duas primeiras observações.

ADVERTENCIA

A'cerca do Diario Meteorologico acima publicado.

As observações meteorologicas que tencionamos remetter semanalmente á Redacção da Revista Universal, são feitas no alto da Patriarchal Queimada, na elevação de 363 palmos sobre o nivel do Tejo. As temperaturas são indicadas por dois excellentes thermómetros, expostos ao norte, e ao ar livre, os quaes indicão, por meio de um cursor fluctuante, o maior frio, e calor do dia; o que

de ordinario tem logar meia hora antes do crepusculo da madrugada, e entre as 2 e 3 horas da tarde, conforme as estações: a escala da sua divisão é a de *Fahrenheit*, a qual divide em 180 gráos o espaço comprehendido entre os dois pontos constantes do frio que géla a agoa, e do calor que a faz ferver, marcando-se nesta escala o frio da congelação por 32 gráos, que corresponde ao zéro da escala de *Reaumur*; e por 212.º o calor da agoa fervendo, o qual, na divisão de *Reaumur*, corresponde a 80 gráos. A escala de *Fahrenheit*, adoptada pelos inglezes, offerece a vantagem de ter os gráos muito mais pequenos, pois que 2¼ equivalem a um de *Reaumur*, e por consequencia não é necessario indicar nas observações diarias as fracções do gráo, o que se não pode evitar usando da antiga escala de *Reaumur*, ou mesmo da moderna, *centigrada*, que divide o espaço entre os dois pontos constantes em 100 partes, ou gráos. Um excellente barómetro, de nivel constante, cuja escala é dividida em millimetros, da medida metrica franceza, é observado ás 9 horas da manhã, e 3 horas da tarde, indicando estas duas observações a maior e menor pressão, ou maré diaria, da atmosfera, que em Lisboa é assaz constante. Para facilitar a reducção da medida franceza á ingleza, convem notar que 30 pollegadas inglezas equivalem a 761,1 millimetros, e por consequencia uma pollegada equivale a 25,45 millimetros. Deve-se igualmente advertir que as alturas do barómetro transcriptas no Diario são as apparentes, e sem a correcção devida ás differentes temperaturas do mercurio do mesmo barometro; porém os resultados referidos no resumo mensal levão já essa correcção, e vão reduzidos á temperatura media annual do clima de Lisboa, que é de 61º Fahrenheit. Querendo reduzir as alterações indicadas no Diario ao nivel do Tejo, será necessario augmental'as com mais 7 millimetros, os quaes são devidos á altura de 363 palmos em que se acha o observatorio sobre o nivel do mar.

A' vista destas explicações é facil comprehender o mappa semanal que offerecemos, reflectindo que a 1.ª columna indica o dia do mez, a 2.ª e 3.ª as temperaturas extremas do dia; a 4.ª e 5.ª as alturas do barómetro ás horas indicadas; a 6.ª, com o titulo de Pluvimetro, mostra a altura que attingio a agua da chuva recolhida em um vaso metallico, e é avaliada em millimetros: um palmo portuguez contem 220 millimetros, e portanto um millimetro representa pouco mais de um terço de grossura de uma moeda de cobre de cinco réis de novo cunho. Um millimetro de altura de agoa fornece um pouco mais de tres canadas e meia por braça quadrada, e a enorme quantia de 75:000 pipas, de 25 almudes, por cada legua quadrada. A 7.ª columna mostra os ventos predominantes na manhã, e tarde, e os algarismos, ou expoentes, collocados no alto das letras iniciaes que se representão, indicão a sua força; a saber o numero 1, vento sensivel; n.º 2, vento forte; n.º 3, vento muito rijo; n.º 4 tempestade. A ultima columna indica o estado da atmosfera, e não carece explicação.

Devendo começar-se a publicação pelas observações deste mez de Janeiro, daremos uma idéa resumida das qualidades caracteristicas que o distinguem quando tem regular andamento, deduzidas das observações feitas no periodo de 18 annos.

O mez de Janeiro é em Portugal, assim como em todo o hemispherio boreal, o mais frio do anno. A sua temperatura media em Lisboa é de 49º F. (7.º ¾ R.); a das madrugadas 44.º (4 ¾ R), e a das horas meridianas, ou de maior calor, 55.º (10 ¼ R); sendo portanto a variação diurna de 11.º (5.º R). O maior frio, em um mez regular, não excede a 34.º (1.º R), pelo que não attinge o necessario para coagular a agua, á excepção de casos extraordinarios, como aconteceo em 1820, em que houve quatro noites de gêlo, descendo o thermometro a 26.º (.º ¼ R. abaixo do gelo). No referido periodo de 18 annos aconteceu por oito vezes o phenomeno da congelação. E' tambem este mez o mais chuvoso do anno, fornecendo regularmente em 13 dias chuvosos, 91 millimetros de agua, que correspondem a 26 almudes por braça quadrada. A sua temperatura, ou calor medio, nesta cidade, é a mesma que em *Paris* no mez de Outubro, ou em *S. Petersburgo* no mez de Setembro. M. M. F.

PRESTIMO DO OURIÇO CACHEIRO.

INGLATERRA.

12 Curiosa a muitos respeitos é a historia natural do ouriço cacheiro; mas o que mais vem para assombros, é o não haver dar cabo d'elle com peçonhas, nem venenos: assim o affirmou Lenz em 1831, e ora acaba de o confirmar o professor Bukland. Já podeis presumir que uteis não serão os ouriços em uma quinta, ou fazenda, onde, impunemente, irão exterminando a praga dos reptís, e outras damninhas, e amaldiçoadas, creaturas. — Ti-

nha eu, diz o Lenz, um ouriço cacheiro em sua gaiola de páo; muitas vezes lhe metti em casa serpentes; investia com ellas, impavido, por invulneravel, como Achilles, e sem se lhe dar, pouco nem muito, de se ver por ellas enroscado; ora as tomava pela cauda, ora pela cabeça, ora pelo meio. Um dia o vi brigar com uma vibora: chegou-se a ella, cheirou-a, apanhou-a pela cabeça, e apertou-lh'a nos dentes, mas sem na esmagar; a assanhada da vibora aos silvos o accommete, esmordaça-o, e, sem lograr quebrantal-o, quebranta-se, e esmorece; o vencedor trinca-lhe a cabeça, come-lh'a, e após ella metade do corpo. Por muitas vezes, e perante muitas pessoas, o expuz a eguaes conflictos, e sempre o vi saír-se airoso: se acontecia ficar ferido com suas 6, 8, ou 10 mordeduras pelas orelhas e focinho, pouco se lhe dava, e promptamente guarecia: não inchava, não perdia o comer, não dava mostra alguma de empeçonhado, nem em si, nem tão pouco (era femea) nos filhinhos, que amamentava. Concorda este caso com outro por Pallas referido, o qual escreve poder o ouriço comer o seu cento de cantharidas, e ficar mui fresco, sem se lhe notarem, nem por sombra, os effeitos que de tal droga se originão sempre nos homens, gatos, e cães.

Quiz ha pouco um medico allemão dissecar um ouriço: dá-lhe acido prussico para o matar; escusado: embute-lhe arsenico á mão tente; o mesmo: carrega-lhe com ópio, e sublimado corrosivo, já desenganadamente; e nem com tudo isto, e applicado por mão de médico, se resolve o brutinho a largar a saude, muito menos a vida. Por onde parece que se ha de acrescentar o rifão portuguez, que diz, — que se não matão ouriços ás punhadas, — pois que tambem com medico e botica se não matão.

Se o ouriço nas quintas come a fructa, é só quando lhe minguão animaes para mantimento; que o seu melhor prato forão sempre caracóes, rans, sapos, escravelhos, ratos, cobras, lagartos, e outras que taes escorias da natureza: d'onde procede que os moradores das ribeiras do Tánais os crião, e trazem em suas casas, como nós outros aos gatos caçadores, para limpesa.

A este respeito fica pois fóra de duvida, que o ouriço cacheiro deve ser pelo lavrador procurado e favorecido como bom amigo, que no cazal e na fazenda lhe póde acudir por suas coisas.

Dos Hespanhoes se diz, que se valem d'elles para mantimento, e, guisados competentemente, os dão por iguaria mui saborosa; para isto lh'os não invejamos nós, como tambem lhes não cubiçamos as suas celebradas enguias de vallado, que um Ugolino portuguez não comeria no fundo de sua tôrre: mas para dar cabo destas mesmas enguias de vallado, a que nós chamamos simplesmente cobras, e livrar as hortas e pomares dos caracóes, e mil inimigos inexpugnaveis, recommendamos, ao menos como experiencia de nenhuma despeza, nem perigo, a criação do ouriço cacheiro.

X.

METHODO

De conservação dos cadaveres, e peças anatomicas, e das carnes de diversos animaes comestiveis.

FRANÇA — PORTUGAL.

13 D'ENTRE as modernas invenções que mais serviços hão prestado á sciencia, muito se extrema uma, que pela infallibilidade dos seus resultados, que um grande numero de observações comprovão, convida a fazer d'ella applicação, com a segurança que o cunho da experiencia costuma imprimir ás obras, que préviamente lhe hão sido submettidas. Essa invenção, por academias louvada e premiada, é nada menos do que preservar da putrefacção, por espaço de muitos mezes, não só peças d'anatomia normal, e pathologica, e de historia natural, mas até cadaveres inteiros, para uso dos anatomicos; e o que ainda é mais, embalsamar os cadaveres por um methodo com que, álem de durarem por tempo infinito, ficão com a apparencia d'um somno tranquillo, reunindo esse methodo as circumstancias de ser pouco dispendioso, praticavel em presença das familias, rapido na applicação, e sem serem precisas mutilações, pois que a operação, se reduz a um golpe d'uma pollegada d'extensão.

Gannal, pois tal é o nome do inventor, depois de numerosas tentativas com o intuito de resolver estes diversos problemas, já estudando o modo como chimicamente obravão differentes substancias, já aproveitando vagas indicações que certas artes lhe subministravão, notou que a carne muscular, perfeitamente isolada, seccava com facilidade; mas que misturada com a gelina, (*) experimentava

(*) Segundo o Snr. Gannal tem-se comprehendido debaixo do nome commum de *gelatina*, certas substancias animaes, que se hão considerado como identicas chimicamente, quando realmente o não são, a saber: 1.º a materia propria dos tecidos gelatinosos

em breve a fermentação putrida, em consequencia de ser essa gelina de todas as materias animaes a que, em igualdade de circumstancias, primeiro apodrece; além de que, entrando como parte constitutiva nos orgãos dos animaes, tanto mais promptamente se altera, quanto maior é a quantidade d'agua de sua composição: por este modo, de experiencia em experiencia, chegou a reduzir a questão ao seguinte problema — impedir a putrefacção da gelina — pois só assim se poderião dispor para a dissecação as outras partes animaes.

Entrou portanto Gannal a examinar differentes substancias que tivessem uma acção chimica immediata sobre as partes constitutivas das materias animaes, e que demais fossem faceis de haver por preço módico, e que o operador em manuseal'as não corresse risco. Depois de varias experiencias notou, que os saes só conservão as carnes quando são empregados a secco, ou em dissoluções mui concentradas, tornando-se porem indispensavel, que a sua affinidade seja mui grande, para que possão apoderar-se da agua que anda combinada com as materias animaes; factos estes de que deduzio, que os saes conservão as carnes, porque as deseccão. Achou mais que os saes aluminosos são os que melhor conseguem aquelle fim, porque, demais a mais, a sua base (alumina) se combina com a gelina, formando um composto particular, deixando o acido livre; e d'estes saes dá a preferencia nos que são deliquescentes, pondo na cabeceira do rol o acetato de alumina, e o chlorureto d'aluminio, por serem d'entre os saes aluminosos os mais soluveis n'agua, e os mais ricos em alumina, que, pela sua combinação com a gelina, muito concorre para que a conservação se opere. O processo limita-se á injecção d'um sal aluminoso dissolvido n'agua, por uma das arterias carótidas, bastando para isso algumas canadas do liquido.

Vêem-se evidentemente as grandes vantagens que deste processo se hão de esperar para os estudos anatomicos, mórmente em certas estações do anno, e em *amphitheatros*, onde os cadaveres sejão em escaço numero, porque, álem de poder aproveitar-se por muito tempo um cadaver, tira-se ao estudo da anatomia, em grande parte, o que elle tem de repugnante e insalubre; não devendo objectar-se com o augmento de despeza (que no caso de empregar-se o sulfato simples d'alumina não será mui grande), porque essa consideração é de pouco peso quando se trata de tornar os estudos anatomicos mais faceis e salubres, e até mais fructiferos, pois que álem de cada cadaver poder servir a maior numero de estudantes, estes, trabalhando sem nojo, nem repugnancia, conservarão melhor o livre exercicio de suas faculdades.

Este methodo foi já experimentado no Hospital de S. José, pelo Snr. Clemente Bizarro, e com feliz exito; por consequencia podemos já argumentar tambem com a experiencia de nossa terra; o que junto aos attestados dos mais distinctos anatomicos de París, deve levar-nos a d'elle fazer uso mais amplo, mórmente na estação do calor, em que no nosso paiz os cadaveres se decompõem com muita facilidade, o que é um grande inconveniente; pois que n'esse prazo é que se fazem as lições mais delicadas d'anatomia, e se torna mister aos estudantes o prepararem-se para o exame final naquella disciplina, pelo que era indispensavel que os cadaveres durassem mais, e abundassem.

Aos que pertenderem saber as quantidades, e qualidades, dos ingredientes empregados no processo chamado Gannal, enviamol'os para o Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, tomo 6.º, pag. 238, ou melhor, para a obra do mesmo Gannal, que tem por titulo = Histoire des embaumements, et de la préparation des pièces d'anatomie normale, etc.

O processo por este chimico empregado para embalsamar os cadaveres é ainda segredo, posto se declare que tem por base o emprego dos saes aluminosos, injectados por uma das carótidas.

Não pára aqui porém a actividade de Gannal, porquanto n'uma das sessões da Academia das Sciencias de París, do anno proximo findo, leu uma memoria, em que torna applicavel á conservação da carne dos animaes mortos para consumo, o uso de saes aluminosos como meio conservador. Propõe o substituir-se ao processo de Appert, em que as carnes são mettidas em vasilhas hermeticamente fechadas, para as livrar do contacto do ar, um meio que lhe é proprio, e consiste em injectar na carótida do animal, uma dissolução aquosa de chlorureto d'aluminio; kilogramma e meio deste sal, dissolvido em 9 a 11 canadas d'agua, é bastante para

ainda não decompostos; 2.º o producto que resulta da sua decomposição pela acção do calor e da agua; 3.º este mesmo producto secundario mas sêcco: á 1.ª, chama elle *gelina*, á 2.ª *geléa*, e reserva o nome de *gelatina* para a 3.ª, ou colla forte, qualquer que seja o seu gráo de pureza.

mais ficámos ajuizando depois de façanha tão peregrina, que a todos maravilhára. A peça correu perfeitamente: por vezes julgámos ouvir *Regoli*, *Colleti*, e *Mathey*; havia porém uma differença, que muito nos lisongeava — a tróca daquelles nomes, em Torres, Figueiredo e Lima; todos portuguezes, e de portuguezes. Só faltava, para que o expectaculo fosse inteiramente nacional, que em vez de letra italiana se lhe houvera substituido a traducção portugueza, não menos digna, nem menos adequada ao canto; e ainda que alguem ha que julga o contrario, o seu julgar não passa de mero preconceito, que esperamos o mesmo theatro do Timbre ha de desvanecer. Sim; que já o Snr. Silva Leal Junior, e o Snr. Miró, se deram as mãos, para o levar a effeito; e então veremos se *pietá* italiana não vale tanto como *piedade* portugueza. Letra portugueza como a do immoral *Dominó preto*, não agrada, nem póde agradar; mas a culpa não é da lingua. — Continuando porém com *Lucia*, é dever nosso, o particularisarmos alguns trêchos de maior vulto, no aprimorado da execução — A cavatina de baixo no 1.º acto, pelo Sr. Figueiredo (*Asthon*) — A aria final de tenor, pelo Snr. Torres (*Edgardo*) — O dueto destes dois Snrs. no 3.º acto — O *rondó* da dama (a Snr.ª Lima) no 2.º acto — E o final do mesmo, executado por toda a companhia; onde é impossivel esquecer os chóros, que, se em toda a peça desbancaram os de S. Carlos, aqui sobre tudo os excederam na ultima nota que tão bem sustentaram. Não menos elogio pertence á orchestra, toda de curiosos portuguezes, e ao presidente da sociedade, o Snr. Justino Pinto, a cujo zelo incançavel se deve grande parte de tão bella e nacional representação, coroada pelo baile com que findou o divertimento, um dos mais lusidos que ha muito tempo presenciámos.

J. C. C.

GRANDEZA ACTUAL DE UMA NAÇÃO.

INGLATERRA.

20 O nascimento do duque de Cornouailles, diz por fanfarrice o *Liverpool Times*, será festejado com salvas de artilheria, na America, nas praias da bahia de Hudson, e sobre toda a linha do Canadá — em a Nova Brunswik, em a Nova Escocia, na Terra Nova, nas Bermudas, em cem pontos diversos — nas Indias occidentaes, nos bosques da Guiana, e na Ilha de Falkland — Na Europa, afóra as ilhas britannicas, em Gibraltar, em Malta, e nas ilhas Jonicas — Na Africa, na costa de Guiné, em Santa Helena, em a Ascenção, no Cabo de Boa Esperança, e na ilha Mauricia — Na Asia, da fortaleza de Adem, na Arabia, até Karrack no Golfo Persico — Por um exercito inglez no Afghanistan — em toda a cordilheira do Hymalaya — nas margens do Indo e do Ganges — na ilha de Ceilão — álem do Ganges, no Arsam, e Harocan — nas ilhas do principe de Galles — nas costas da China em Honkong, e Chusan — finalmente nos quatro pontos cardeaes da Australia e Nova Zelandia.

E' na verdade esta uma scena grandiosa! Que força enfeixou, e que poder conserva reunidos, tantos sitios do mundo, ou tantos mundos, á sombra de uma só bandeira? E quanto tempo poderá subsistir este colosso, não inteiriço, mas composto de tão disparatados membros? E quaes hão de ser as causas que o precipitem, e o restituão aos elementos de que por força, e por arte, se foi compondo? que haverá de escrever a este respeito um futuro Montesquieu, philosopho politico e moralista? Que é feito dos monstruosos, e antigos, imperios orientaes? que é feito da universal potencia romana? que é feito do incomprehensivel senhorio portuguez? que será feito, em os destinos da humanidade continuando a revolver-se e a transformar-se, que será feito das pompas d'este artigo inglez, e quantos arrateis de polvora se queimarão pelo nascimento dos descendentes d'este hoje tão festejado duque de Cornouailles? Estes mesmos inglezes, a quem hoje podemos chamar o que aos seus chamava um poeta romano, *populum late regem*, erão os a que n'esse tempo disião, *penitus toto divisos orbe britannos*: e os britannos, affastados então de todo o orbe, por todo elle estão hoje dominando; e a Italia, que tão por cima do hombro os tratava, e por tão eterna se havia, é hoje em poderio comparada com elles . . . a Italia! . . *Sic transit gloria mundi.* São dictames de que as nações, bem como os individuos, se não devem esquecer nunca; porque se ha espelho do futuro, esse espelho é o passado.

X.

ESTATISTICA DO JORNALISMO EM DIFFERENTES PARTES DO MUNDO.

21 Um excellente jornal d'esta cidade, no seu prologo d'este anno, referindo-se ao mappa comparativo que em o nosso artigo 61 apresentáramos dos periodicos portuguezes, e castelhanos, diz, e com muita rasão, que muito seria para desejar que publicasse cada jornal com exactidão, qual é o numero dos exem-

plares, que tira, afim de por este modo se poder comparar precisamente a litteratura volante das differentes nações, e pela confrontação arithmetica das folhas com os habitantes de cada paiz se poder devidamente apreciar a sua civilisação, ou os esforços que para ella fazem. Não ha duvida que seria isso mui conveniente, posto que, para se tirarem com segurança, quaesquer resultados de estatistica intellectual, moral, industrial, politica, etc., ainda se carecesse de muitas outras, e mui difficeis, indagações, ácerca do contheudo de cada um d'esses papeis; mas infelizmente n'esta, como em quasi todas as outras estatisticas, não se póde senão olhar as coisas pela rama, em grosso, e a êsmo. O averiguar a tiragem de cada jornal é tão difficil, ou tão impossivel coisa, que até muitos editores haverá que ácerca dos seus, a não saibão bem ao certo, á conta das fraudes muito usuaes dos impressores. Contentemo-nos pois com o pouquissimo a que se póde chegar, que é saber pouco mais ou menos o numero dos jornaes, que sob differentes titulos se estampão entre cada povo. Para isso transcrevemos o que no *Pirata*, jornal de Milão, de 17 do preterito Dezembro, encontramos; posto que o não possamos dar por obra mui bem feita, e em muitas partes reconhecemos haver sido escripto com pouco escrupulo.

Começou em França o Jornalismo sob o reinado de Henrique 4.º, e o primeiro jornal foi o *Mercurio de França* que durou até 1789. Desde então foi crescendo o numero dos jornaes em modo que ao presente a França conta para cima de 780 jornaes, dos quaes 326 em Paris, e d'estes 27 quotidianos.

Em Inglaterra começou a haver em 1696,9 jornaes. Em 1836 imprimiram-se em jornaes 35:756:056 folhas de papel. E depois da suppressão do sello cresceu o numero 64 por 100. O jornal mais antigo inglez é o *Chronicle*

Nos Estados-Unidos appareceu o primeiro jornal em 1704, e foi o *Boston Rew*: Consta que se tirão d'elle annualmente 100$000 exemplares. Ora os Estados-Unidos têem mais de 300 jornaes.

Na Allemanha começou o jornalismo pouco mais ou menos ao mesmo tempo que em França. A Austria em 1836 contava 76 jornaes, entre politicos, e litterarios: Vienna, tem 23, e entre elles o *Wiener-Zeitung*, que póde ter seus 7000 assignantes, começou em 1701. Os outros jornaes mais estimados em Vienna são, o jornal para a Historia e Estatistica, os Annaes do Institnto, e o jornal dietetico popular. A Hungria tem mais de 20 jornaes, e os principaes são 3; *Pesti-Hirlap* (gazeta de Pesth) *Gelonkos* (o tempo) *Hirnos* (o Correio) etc. Milão, segundo Balbi, 29, Veneza 12, Trieste 5 Verona: 5. todas as cidades provinciaes da Lombardia, umas por outras, e descontando os jornaes que morrem, pelos que nascem cada uma um. A Prussia em 1840 publicava 178. A Russia em 1839, 154. A Dinamarca 54, entre os quaes 30 mensaes. A Hollanda em 1836 80. A Belgica em 1840, 75, dos quaes 55 em francez. A Suissa 19, dos quaes dois terços protestantes.

Turim tem 11 jornaes; Genova 6; Nisa 1; Novara 2; Novi 1; Florença 7, entre os quaes tem o primeiro logar *la Guida dell' Educatore*; Pisa 3; Liorne 2; Siena 1; Modena 6; Parma 3; Placencia 2; Lucca 2; nos Estados Pontificios se imprimem 25 jornaes, dos quaes 14 em Bolonha; Lugano 5; 7 em Roma, que são, o Album, a Revista Theatral, o Tiberino, os Annaes das Sciencias religiosas, os de Archeologia, os de Medicina, e o jornal do Foro. Macerata 1; Fossembrone 1; Faenza 2.

O reino de Napoles 19, entre os quaes o Progresso, o Omnibus, o Poliorama, o Poligrafo, o jornal de medicina etc. *Il salvator Rosa*, e *l'Eco della religione* cessaram por meado 1841, mas n'esta cidade os jornaes nascem e morrem continuamente. Messina 4; Palermo 10; Catania 2.

Malta tem 11 jornaes, e são o *Portafoglio*, o *Mediterraneo*, o *Malta Chronicle*, o *Malta Times*, o *Lloyed Maltes*, o *Aristide*, o *Penny Magazine*, o *Filogemo*, o *Catholico*, e o *Filologo Maltese*.

A Grecia tem 12, que pela maior parte são publicados em Athenas; o jornal official, e o *Corrier*, que se publica aos domingos, e quintas feiras. O primeiro jornal na Grecia foi *Les Chroniques Helleniques*, que julgo foi ideado por Lord Byron, e depois redigido pelo doutor Meyer, suisso. Smyrna tem 2, 1 francez, e 1 armenio. Constantinopla 3, um francez, de que era redactor o actual secretario do embaixador turco em Paris, 1 em arabe, e 1 em armenio. Na Valachia ha 3, na Moldavia 2.

A Hespanha em 1800 não tinha senão 2, e agora tem 14 (diz Zanelli auctor do artigo que vamos traduzindo, mas engana-se porque tem 52). Portugal 20 (no que tambem o auctor se engana, porque tem 36). Na Suecia ha 50; no Rio de Janeiro 8 (segundo o auctor, mas em realidade mais do dobro); Buenos Aires 8; Jamaica 9; Cabo de Boa Esperança 11; Argel 1 (segundo o auctor, mas dois conhecemos nós, e deverá haver mais)

conservar um boi. Segundo este chimico, o chlorureto d'aluminio modifica a albumina, e a gelatina (gelina de Gannal), por tal fórma, que estas duas substancias perdem a susceptibilidade da fermentação putrida; a carne assim preparada, diz elle, não toma saibo particular, nem propriedade alguma que seja nociva. Gannal apresentou muitos quartos de carneiro conservados por este processo, ha mais de dois annos.

São de tal monta as vantagens que prevemos poderão seguir-se á adopção d'este alvitre, que o annunciamos com o maior alvoroço a nossos compatricios; e isto com tanta mais segurança, quanto é incontestavel a exactidão dos factos relativos á conservação dos cadaveres, pelo emprego do chlorureto d'aluminio, e bem assim a sisudez e probidade do Gannal.

A. J. de S.

EXTRAORDINARIA INDUSTRIA.

FRANÇA.

14 Ha em França uma fabrica exclusivamente consagrada a aproveitar por todos os modos os animaes mortos, de qualquer especie que sejão.

São primeiro esquartejados; todas as partes gelatinosas servem para grude; as entranhas enterrão-se, e servem, depois de completamente decompostas, para adubio dos terrenos; o resto do animal é fervido por umas poucas de horas, afim de separar os ossos da carne: a gordura apanhada á superficie do liquido vende-se separadamente; as carnes cosidas vão para mantença de porcos, e de muita outra creação.

Dentro de um anno comprou este estabelecimento um milhão e quatrocentos mil ossos, pela insignificante quantia de um conto quatrocentos e quarenta mil réis, ganhos por um bando de mendigos que se occuparam em apanhal-os. Servem elles para differentes obras, e até, em ultima applicação, para carvão animal, vulgo pó de marfim queimado.

Aquella immensa quantidade de ossos produzio, depois de queimada, quatorze contos e quatrocentos mil réis de carvão animal, os quaes foram pela maior parte empregados em pagar a mão d'obra necessaria para quebrar os ossos, carbonisal-os e moêl-os. O numero dos animaes desmanchados por anno em aquella fabrica, anda por oitocentos, pagos, uns pelos outros, a treze tostões.

Tem tambem comprado sete a oito mil arrateis de materias corneas, cujo valor tem quintuplicado. Tem vendido tres mil libras de azeite, a oito vintens a libra, e mil e quinhentos arrateis de gordura, a quatro vintens o arratel. O sangue, a carne, e todos os mais despojos dos animaes, seccão-nos em fórnos, reduzem-nos depois a pó, e misturão-nos com terra, para fazer estrume negro (segundo lhe chamão), do qual se tem vendido cinco a sete mil hectolitros, a razão de oito tostões cada um.

Sessenta e oito operarios estão empregados neste estabelecimento, e ganha cada um quatorze vintens diarios.

Dar a corpos estruidos e perjudiciaes um valor que monta a trinta e dois contos de réis; espalhar esta quantia pela classe pobre e laboriosa; dar trabalho a oitenta operarios; enriquecer o reino, e dar á agricultura um fertilissimo estrume; taes são os resultados d'este estabelecimento, que muito é para desejar que por outras partes encontre imitadores.

F. A. M. P.

COLXÕES ECONOMICOS.

RUSSIA. SUECIA.

15 O alvitre de que vamos a fazer menção, parecerá por ventura ridiculo aos que têem a fortuna de dormir em fofos colxões de pennas, de lã, ou crina; fará surrir talvez aos que nunca, nem de longe, viram a face da miseria; mas poderá ser prestadio a algum desgraçado, e tanto basta para que de boa mente o apresentemos.

Os colxões de que fallamos são de musgo, e muito usados na Suecia e na Russia, paizes tão frios que parece não ser possivel passar-se n'elles sem os colxões de lã ou pennas; todavia está provado que os de musgo são muito sadios, e até no sentir do corpo se assemelhão muito aos de lã.

Nos rochedos, nos campos, nas arvores, por quasi toda a parte emfim, se encontra com que enchel'os. O musgo mais comprido é o melhor: deve-se colher no verão quando está perfeitamente desenvolvido; sécca-se bem ao sol, sacodem-se-lhe todas as materias estranhas, e empréga-se depois como se fossem pedaços de lã. Quem isto escreve servio-se em todo o inverno de 1830 de um colxão de musgo, e deo-se tão bem com elle como se fosse de lã.

Na ilha da Madeira não falta quem nelles durma, e os prefira a quaesquer outros.

F. A. M. P.

RECEITA PARA A CONSERVAÇÃO DO CALÇADO.

INGLATERRA

16 Derretão-se juntas uma libra de cera, e meia de resina; aquéça-se depois o calçado, e applique-se-lhe, com um pincel, o mixto bem quente, tanto no cabedal como nas solas, o que lhes tapará os póros: para restituir o lustro perdido por esta operação, dissolva-se uma onça de cera em outra de óleo de therebentina juntando-se-lhe uma colher de pós de sapatos. Um ou dois dias depois de applicada a cera e resina ao calçado, esfregue-se este com a dissolução de cera e therebentina, um pouco longe do fogo, e as botas ou sapatos ficarão impermeaveis, e lustrosos, e duradouros.

Para que as malquerenças dos mestres do officio, e o que d'ellas se poder seguir, não venhão recahir sobre innocentes, declaramos que o auctor da idéa é um inglez, o qual de mais a mais se gaba de que ha dez annos que só tem tido 3 pares de botas, e espera em deos, que ainda lhe hão de durar mais seis.

A. N. M. L.

METHODO PARA PRESERVAR OS LIVROS DA TRAÇA.

GUADELUPE.

(Veja-se o nossso artigo 193 do Tomo precedente.)

17 Apresentou ha pouco ao seu Governo um pharmaceutico francez do hospital de *Guadelupe* uma receita para obstar a que a traça arruine os livros: consiste em substituir, na encadernação, a massa do costume por outra composta dos seguintes ingredientes:

Farinha de trigo...... 500 unidades em pêso
Agua commum, quanta
  fôr necessaria.
Arsenito de potassa.... 4 ditas.
Deutochlorureto de mercurio............... 4 ditas.
Strychnina........... ½ dita.

As tres ultimas substancias são reduzidas a pó, e deitadas na massa ou cóla, depois de feita e fria, mexendo bem com uma espátola de páo, e tendo ao mesmo tempo o cuidado de não respirar taes venenos. Encadernados os livros com esta massa, dá-se-lhes uma untura por fóra, com um pincel molhado na seguinte preparação:

Alkool, ou espirito de vinho 50 partes em pêso. Coloquintida pisada dissolvida no dito, 3 ditas.

A coloquintida deve estar por oito dias a macerar no alkool, que depois se filtra, e fica prompto.

Em Junho de 1838, na presença de uma Junta nomeada pela competente authoridade civil, compoz-se a referida massa, e encadernaram-se oito livros, os quaes se depositaram em uma bibliotheca, misturados com outros, muito furados, e cortados da traça. Em 1841 forão examinados e vio-se que estavão em perfeitissimo estado.

Recommendâmos esta receita aos directores das nossas bibliothecas publicas; recommendamol'a a quantos têem pequenas ou grandes livrarias; recommendamol'a emfim aos encadernadores, apezar de que isso lhes servirá talvez de pretexto para augmentar consideravelmente o preço, já excessivo, de suas encadernações.

O que sómente lamentamos é que tão efficaz preservativo possa tambem ser applicado a tantas e tantas obras, vergonha de quem as faz, vergonha de quem as lê, e para as quaes deveria haver, á falta de censura prévia, o recurso da traça.

A défaut du tonnerre un chevalier français.

F. A. M. P.

VENTOSAS METALLICAS.

FRANÇA. PORTUGAL.

18 Fazem-se actualmente, em Paris, ventosas de cobre, e de latão, que são mais leves que as de vidro.

Têem a vantagem de aquecer, e esfriar promptamente; e por esta ultima circumstancia, a contracção do ar contido n'ellas é mais rapida, e mais prompta a elevação da pelle no seu interior. Estas qualidades, juntas ao nenhum perigo de se quebrarem, devem fazêl-as preferir.

Convidamos pois os nossos artifices a fabricarem estes instrumentos, tão uteis, e tão usuaes, certos de que lhes não hão de perder o feitio.

N.

THEATRO DO TIMBRE.

LISBOA.

19 Acaba de representar-se em o theatro particular de Lisboa, denominado — *do Timbre* — uma das melhores operas de Donizetti; e que tantos applausos grangeára em S. Carlos — *Lucia de Lammermoor.* — Assistimos á representação, e cumpre-nos confessar que, se muito ajuizavamos de portuguezes, muito

em Gibraltar 1 (segundo o auctor, mas em verdade 4, ou 5); Calcuta 26.

Nenhum paiz tem mais jornaes que Malta em relação á população, aonde ha quasi um jornal por cada 10:000 habitantes: em Turquia um jornal por tres milhões d'elles: em França um jornal por 43000 hbbitantes; na Romania um por 100:000, etc.

P. S. R.

BOCAGE E O SEU LATIM.

N. B. Por falta de espaço não podémos publicar em o nosso precedente numero as duas seguintes cartas. A Redacção.

CARTA.

22 Lisboa 3 de Janeiro de 1842. Sr. Redactor. Lançára eu no prólogo da minha versão de Ovidio estas palavras, fallando do seu incomparavel traductor, Bocage, . . . » este sim; que era digno de traduzir Ovi» dio. O seu, e meu amigo, morgado de As» sentís, me tem affirmado que Bocage não » sabia o latim; que por conveniencias das » frazes patentes, rastreava, e desencantava » o sentido do auctor. Ha mais galhardo ta» lento, e perigrino adivinhar! O mais de seu » o tinha elle, e com que abundancia! Es» tilo terso e nobre, linguagem pura, e cla» ra, dicção concisa, e ornada, versificação » diliciosa como nenhuma, nem antes, nem » depois d'elle, ainda entre nós appareceo: » tencionára, segundo podemos conjecturar, » naturalisar portuguez ao poeta romano, » por tantos respeitos seu parente, e amigo: » alguns passos deo n'esta diligencia, ¡e ain» da mal que forão tão poucos! e se lhe hou» véra chegado a vida, ou na que teve, lhe » não houverão sobrado trabalhos, preguiça, » desconcêrtos, miseria, e desamparo, parti» cularmente de homens allumiados, nenhu» ma duvida ha, que as Metamorphoses ro» manas, já ha muito tempo, se poderão dizer » nossas. As fabulas, que traduzio, não era » possivel, a quem quer que fosse, dar-nol-as, » nem mais fieis, nem mais elegantes. Tomei» me pausadamente o pulso a mim mesmo, » e, reconhecendo que, para o igualar, me » fallecião, innegavelmente, as forças; as» sentei em tomar d'elle quanto era feito, e » dando um documento, não duvidoso, de » sincera humildade, encorporal-o na minha » obra; assim o fiz!. . . . Todo este periodo, Sr. Redactor, é a mais completa, livre, e sincera vassalagem, que a Bocage podia jámais ser tributada. Nada cerceei de quanto bem havia para dizer a seu respeito; e se alguma coisa d'esta vez dissimulei, eu, que aos defeitos de meus pobres escriptos não costumo perdoar, foi o que em sua fama, fama aliás inferior a seu merecimento, podia pôr alguma nodoa, lançar alguma sombra de menoscabo; por que emfim um grande homem é tambem um homem. Houve entretanto quem nas minhas palavras encontrasse injustiça contra Bocage, ao qual ninguem, que eu saiba, a não ser elle proprio, tributou nunca maior admiração do que eu.

Em um artigo estampado no *Correio Porguez* de 29 do passado Dezembro, e reimpresso ao outro dia no *Diario do Governo*, se lèem estas palavras: — » Pessoas com quem tratá» mos por largo tempo intimamente, e que, » quasi todas, já de entre nós desappareceram, » frequentes vezes nos repetiram: — » que lhes » era da maior admiração o como Bocage, » de mocidade tão estragada, achava tempo » que lhe proporcionasse entranhar-se tanto » ao fundo no conhecimento das linguas la» tina, franceza, e italiana, e com especiali» dade da latina, que, de menos facil accesso, » era por ventura a que Bocage possuia ca» balmente. » Este testemunho, em que nos » estribamos, é de pessoas a quem Bocage » deveu não só amisade singular, mas tam» bem favor constante, e de sobre modo va» lioso; faz-nos por tanto força irresistivel. »

— Temos pois em bem claros termos assentada uma questão de historia litteraria: mas entre quem? não certamente, pelo menos até agora, entre mim e o auctor d'este artigo, mas entre o nosso insigne latinista, litterato, poeta, amigo intimo, e admirador summo de Bocage, o Sr. Morgado de Assentis, que vivo está, e não renéga seu dicto, e outros, tambem amigos do poeta, que ao auctor do artigo fizeram encontrado depoimento. Tanto estes como o seu antagonista me parecem, neste caso, igualmente respeitaveis; elles, porque se persuadem, ainda que sem razão, que, o denegar-se a seu amigo Bocage a sciencia do latim, é destruir-lhe uma parte do seu credito; e o Sr. Morgado, porque entende, que o traduzir a Ovidio como Bocage o fez, sem ser mui cabal latinista, e supprindo o saber com o instincto do engenho, e do gosto, vem a ser gloria muito mais subida, e talvez unica. Elles pois que entre si averiguem essa questão, se val a pena, e lhes agrada fazel-o; e a final saberemos quem melhores documentos possue para a acabar. Por parte do Sr. Morgado de Assentis estou eu certo, que não recusará uma disputa, que, pois que é toda entre partidarios do seu

grande poeta, e ácerca delle, para qualquer parte que se resolva, por nenhum modo lhe ficará sendo deshonrosa.

Entretanto, Sr. Redactor, não pertendo eu declinar totalmente de mim esta questão: e posto que nada até aqui me obrigasse a entrar n'ella, pois que nem pró, nem contra, affirmei, nem disse coisa alguma no meu prologo; e por outra parte, já, ha alguns annos, imprimi, onde quer que fosse, que Bocage era em latim primoroso sabedor; devo, e quero dizer, n'esta materia a minha opinião actual, que é a mesma do Sr. Morgado, assentando-a em fundamentos, que me parecem mui seguros. Mas para isto oiçamos primeiro a contraria, que é tambem a do auctor do supracitado artigo, e seja pelos seus proprios termos: — » affigura-se-nos impossivel, diz elle, que » não sendo assim, nem Bocage, nem nin- » guem que seja, podesse traduzir do latim, o que, e como, elle traduziu. — »

E' esta uma controversia quasi escholar; não lhe descabem os termos da eschola velha, e assim digo, que, *a priori* e *a posteriori* me parece, senão provado, ao menos provavel e probabilissimo, que realmente Bocage não sabia o Latim. Mas, para bem proceder, segundo os dialeticos, definamos primeiro: o latim, de que o Sr. Morgado e eu fallamos, não é o das classes, o dos exames, e approvações dos collegios, dos seminarios, ou da universidade; em summa, não é o latim das théses, das orações de sapiencia, de alguns jurisconsultos em *folio*, ou do Padre Almeno; é a latinidade dos Heinsius, e Pereiras de Figueiredo, dos Faciolatis e Ribeiros dos Santos. E' esta uma sciencia, e tal, que muitas vezes ouvi a meu mestre, o Sr. José Peixoto do Valle, latinista insigne, e professor, havia trinta annos, dizer, fallando de si — é o latim vasto como d'aqui á India, e eu com tanto andar por elle, ainda da porta d'esta sala não saí. — Esta lingua, esta sciencia, este latim, que tanta e tão constante aplicação requer, é que eu me persuado, que Bocage não podia possuir, e de feito não possuia.

Todos nós conhecemos, como se com elle houveramos convivido, o talento sempre em actividade de producção, a indole sempre saltitante, vagabunda, e indomita, de Bocage, e o como sua curta e mallograda existencia foi constantemente baldão das paixões, do infortunio, dos odios, das invejas, e até da fama: ¿ onde logo, e como, e com quem, e por que livros, estudou o latim? ¿ e porque, e para que, se o vate Elmano, segundo as turbas, e segundo elle mesmo, era já per si o maior homem do universo? Como era possivel que se arrostasse com o estudo de annos, quem nunca ao estudo de horas se poude resignar? Bocage, digamol'o desenganadamente, sem mêdo de prejudicar, nem levemente, a sua fama, Bocage era tanto mais assombroso poeta, quanto era, em todas as sciencias, artes; e disciplinas, e o que mais quiserem, ignorante e ignorantissimo. Os documentos estão nas suas obras, onde, afóra o que a natureza póde dar como graça original, nada mais é possivel encontrar-se. Direi mais: a propria pureza, com que escreveu o portuguez, tão livre de francezias, como privado das riquezas e galas dos nossos mestres, isso mesmo póde ser de sua ignorancia um novo testemunho; pois nos descobre que nem jámais conversou os nossos classicos, nem tratou tanto os livros estrangeiros, que n'elles se lhe podesse a frase contaminar.

Passemos ás provas posteriores ou de facto. Os que tiverem paciencia e ocio para confrontar bem de espaço as ovidianas traducções de Bocage, impressas em seus volumes com esses mesmos trêchos d'ahi trasladados para a minha versão completa; e em todos os versos, em que eu ousei de lhe fazer mudança, o compararem com o original, encontrarão não uma, senão muitas falhas de intelligencia do seu texto; não preciso de apontal-as, nem o devo, por não trasbordar por fóra de todas as margens esta carta. E' um exame que qualquer póde fazer per si mesmo, e que eu confesso não havia ainda devidamente miudeado, quando em outro tempo escrevia, que Bocage era da lingua latina primoroso sabedor.

Como porém póde ser, que, sem saber ampla e profundamente o latim, o nosso poeta nos expressasse quasi sempre com a mais minuciosa fidelidade os pensamentos, os conceitos, os affectos do mais fecundo, do mais engenhoso, do mais multiforme poeta dos romanos? Por conveniencias das frazes patentes, como mui bem diz o Sr. Morgado de Assentis, rastreava, e desencantava o sentido do auctor. Tão perfeita harmonia, tão absoluta germanidade, havia a natureza posto nos entendimentos, e corações, d'aquelles dois maximos poetas, que por meia palavra se podião um ao outro entender. Bocage nascido na Corte de Augusto, e estudando, houvéra cantado como Ovidio: Ovidio, creado em Portugal, e vivendo em nossos dias, haveria poetado como Bocage: o cabedal intimo dos dois era o mesmo; as differenças, que apresentão, são a dos tempos, a dos lugares, as das circumstancias exteriores, e tambem um pouco a dos estudos,

de que Bocage fugiu, e a que Ovidio se deu copiosamente. Esta explicação poderá ainda ficar sendo um enigma para muita gente; mas o auctor do artigo, com quem aqui tenho tido a honra de disputar, m'a entenderá, pois que é litterato e poeta, e em poesia e na lingua, e em todas as coisas da antiguidade romana tão versado, que, se porventura me não engana a sua linguagem toda portugueza, o seu estilo de cultor assiduo de bons estudos, e o visivel empenho, com que procura por via de seus louvores, esforçar-me a proseguir na espinhosa carreira, que encetei, de traductor, não é outro senão o eloquente, e ainda não conhecido, interprete de Cornelio Tacito. Se porém acontecer que estas considerações o não convenção, e, dignando-se descer novamente ao campo, m'as destrua, do ser vencido por tal, e tamanho, adversario, tirarei eu com que facilmente me console.

Agora, Sr. Redactor, se depois de uma controversia sisuda com um litterato póde caber um pouco de ridiculo debique, rogo-lhe o obsequio de mandar imprimir textualmente, sem a mais leve mudança de orthographia, pontuação, e accentos, a inclusa carta do Sr. F. M. L. du Bocage, que eu não conheço nem provavelmente Vm.; ignoro se ha ahi um Bocage, que tal podesse escrever: sei de parentes do nosso grande poeta, mas todos elles têem entendimento, e mais que o necessario, para conhecer, e confessar, que depois de sua morte ainda ninguem, que eu saiba, lhe deu mais irrefragavel testemunho, do que eu, de verdadeiro apreço de não fanatica admiração. Se é pseudonima a carta, elles que me perdoem a sua publicação; se é verdadeira V. que lhe responda por mim, se souber: no caso de ter essa pachorra, queira para com elle desculpar-me da minha apparente desobediencia ás suas ordens, por eu lh'a não mandar publicar no *Diario do Governo*, porque nem eu nem elle podemos determinar coisa alguma ao *Diario do Governo*; nem a sua carta é parte official, cuido eu; nem certamente o redactor d'aquella folha, que é homem de muitas e mui boas letras, consentiria por caso algum, em que tal nas suas columnas se emplasmasse, e igual recusação se encontraria em qualquer outro redactor: assim, se não fôra a mui condescendente bondade de V., privado ficára para sempre o mundo litterato de tão incomparavel exemplar de decencia, de juizo, de erudição, de gosto, de grammatica, de orthographia, de pontuação etc.. Por derradeiro, Sr. Redactor, rogo-lhe me explique, se pode, a que vem os versos que do grande Bocage se transcrevem n'esta carta do seu parente. Confesso que a este respeito ando muito sollicito, e quasi finado de pavor, porque me parece ver alli uma ameaça mui formal de me arrancar os olhos, por eu ter dito que Elmano adivinhou Ovidio: se assim é, temos no mundo uma dialectica de nova especie, e em que o Han d'Islandia seria mais valente argumentador que trinta Aristoteles todos juntos: neste novo systema, que julgo ser o do meu amavel correspondente, cedo-lhe eu a palma antes do combate, e procurarei muito livrar-me de medir as minhas razões com as suas unhas.

Antonio Feliciano de Castilho.

Ill.mo Sr. Dr. Antonio Feliciánno de Castilho Calçada do Duque n.º 58 em Lisboa.

Vi a sua interessánte obra das metamorfóses de Ovidio, n'ella achei a melhor traducçáo possivel, digna do illustrádo patriotismo de V. S.ª, e das luzes, que tánto o carácterísa. Más deparei nélla o dizér V. S.ª, que =Bocáge náo sabia Látim=é fálso; porque em Setubál existio em 1776 o Professór Regio D. Joáo de Médina, á quem Bocáge foise doutrinádo; é Bocáge sabia tánto Latim até que tráduzio o Canto de Páz de Trípoli de José Fráncisco Cardozo, Professór Régio de Grammática Latina na Bahia; Bocáge sabia Latim, até que no Tomo 3.º nas suas Obras a tráducçáo do L.º 13 das metamorfóses de Ovidio. »

Involat et digetos in perfida lumina condit
Expoliat que genus oculis (facit ira potentem)
Immérgit manus: foe dita que sanguine sonti
Non lumen, neque enim super est, loca luminis haurit—

Tráducçáo de Bocáge

Arreméttе ão perjurio, ao feméntido
Pelos olhos cruéis lhe entérra os dédos,
Dá-lhe forças araiva, e lhos arránca
As máos ténta embebér pelas feridas,
E do perdido sangue enxovalháda
Lacera mais e mais não céva a furia
Nos olhos (que os náo ha) más onde os houve.

Paréce-me tér respondido aos insultósas, e recriminántes ideias ditas por V. S.ª contra Bocáge meu parénte; esperándo que V. S.ª dê uma satisfacçáo no Diário do Governo: no cazo contrário eu publicárei esta carta, que lhe escrévo, áfim de desmascarár a invéja contra Bocáge, feita no Seculo XIX, das chamadas Luzes Superficiáes dos nossos dias!!!!!!!!

Em quánto náo recéutes váos amigos
Inuteis corações, voluvel turba
A' vérsos mais atténta que á suspiros
No Léthes mergulhou memorias minhas.

Séo Vr.
F. M. L. du Bocáge.

S C
31
18—41
12

Está conforme com o original.
A Redação.

23 BIBLIOGRAPHIA MODERNA FRANCEZA.

Sistema do universo, ou estudos sobre a astronomia, por M. Motel.

Atlas dos phenomenos celestes, com o desenho dos movimentos apparentes dos planetas, por C. Dien.

Annaes agricolas, ou miscellanea de agricultura, economia rural, e legislação agricola, por C. Niviére.

Instrucção pratica sobre a cultura dos bosques nas terras argilosas do meio dia, por A. J. M. de S. Felix.

Elementos de comptabilidade rural, theorica e pratica, por Amand Maló, obra coroada pela sociedade Real e central de Agricultura do Sena em a sessão publica de 18 de Abril de 1841.

Manual agricola e domestico dos termos que se applicão ás cousas usaes, por M. Pounarède.

Observações sobre as sociedades de agricultura.

Sobre a feliz influencia que de exercer a agricultura na sociedade moderna, e meios proprios para assegural-a, por A. P. Lafite.

Historia natural dos passaros, dos reptis, e dos peixes, por J. J. Bourasse.

Tratado completo de anatomia dos animaes domesticos, por Rigot, professor d'anatomia e physiologia na eschola real veterinaria de Alfort.

Esboço de uma theoria sobre a luz.

Investigações sobre as causas physicas das nossas sensações, e erros dos physicos sobre o som e a luz, por C. D. Daurio.

Chimica organica applicada á physiologia vegetal e á agricultura, seguida de um Ensaio de toxicologia, traducção de Liebig, por Carlos Gerhard.

Resumo elementar de chymica, por Julio Garnier.

Novas investigações physiologicas sobre a vida, por Deschamps.

Arte de conservar e restabelecer a saude, ou preceitos de hygiene da eschola de Salerno. Traducção nova, com o texto defronte, e notas criticas; por Demommero'.

Atlas de anatomia descriptiva do corpo humano, por M. M. Bonamy e M. Emilio Beau.

Considerações geraes sobre a regeneração das partes molles do corpo humano, poc H. Kuhnholtz.

Lições sobre as funcçoes do sistema nervoso, por Magendie.

Investigações medico-legaes e therapeuticas sobre o envenenamento por meio do acido arsonioso, precedidas de uma historia d'arsenico metallico, etc. por Orfila, e redigidas pelo Dr. Beaufort.

Estudos analyticos sobre os doidos tratados no asylo de S. João de Deos, junto a Lyão, por J. B. Cartier.

Lições theoricas e praticas sobre a causa, séde, natureza, mechanismo, e tratamento da gaguez, por Coralia Vernet, e seu pai Claudio Vernet.

Tratado do magnetismo animal, considerado por parte da hygiene, da medecina legal, e da therapeutica, por Lafont-Gouzi.

Tratado elementar sobre as machinas de vapor, com varios artigos de M. F. Arago.

Historia das linguas romanas e da sua litteratura desde a sua origem até o seculo XIV, por Bruce Whyte.

Historia da conquista da Lombardia por Carlos Magno, e das causas que transformaram, na Italia alta, o dominio francez em germanico, em o tempo de Othon, por T. de Partonneaux.

Séphora, ou Roma e Jerusalem, episodio da historia dos Judeos, por Adriano Lemercier.

Historia litteraria da França, pelos religiosos benedictinos de S. Mauro.

Historia da Virgem de Orleans, por J. J. E. Roy.

Historia dos Suissos, por Augusto Savagner.

Historia de Maria Stuart, rainha de Escocia; por M. de Marles.

Resumo de todas as viagens ao polo do Norte desde os Irmãos Zeni até Trehouard, por H. Lebrun.

Viagem á India nos annos 1828 a 1832 por Victor Jachemont.

Viagem dos Irmãos Lander á Africa.

Viagem do Marechal duque de Ragusa á Hungria, Transylvania, Russia meridional, Criméa, margens do mar de Azof, Constantinopla, e varios pontos da Asia Menor, Palestina, e Egypto. 4 vol. em 8.º

Viagens e aventuras de Lapeyrouse, por F. Valentim. 2.ª edição.

Revoluções dos povos do Norte, por J. M. Chopin.

Sobre a politica e commercio dos povos da antiguidade, por Heeren, professor de historia na universidade de Goettingue; traducção do allemão por M. W. Suckau.

AVISO.

24 O socio da Sociedade Escholastico-Philomatica que tem regido o curso de Physica applicado ás artes e officios, annuncia, que a ultima prelecção será no dia 8 do proximo mez de Fevereiro; e que a parte relativa á industria moderna não será desenvolvida, nem talvez tratada, porque este objecto ha-de mais tarde, e com mais meditação, ser desenvolvido, da maneira mais util, e simples, que a Sociedade entender.

Os dias das Prelecções de Physica applicada ás artes e officios, são todas as terças feiras até 8 de Fevereiro inclusivamente—a hora, das 7 ás 8 da noite—o local, Salla das sessões da Sociedade Escholastico-Philomatica, Rua de Santa Martha n.º 23.

ERRATA.

A pag. 8, 2.ª col. lin. 22, *casadas* lêa-se *casada*, erro tres vezes emendado nas provas.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.º 19.